

HARMONIA E CONFLITO: A RELAÇÃO ENTRE O CONFUCIONISMO E A "ARTE DA GUERRA"

Data de submissão: 06/12/2024

Data de aceite: 02/01/2025

Rafael Gontijo de Melo Muniz

Guilherme Gonçalves Almeida

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS: O NASCIMENTO DE UM PENSADOR E A CRIAÇÃO DO CONFUCIONISMO

Confúcio, forma latinizada de se referir a K'ung Fu-tsu, nasceu no ano 551 a.C. no estado feudal de Lou, atual Shantung, no nordeste da China. De família tradicional que, porém, não herdara a nobreza, o pensador cresceu sem recursos e sem tempo, visto que trabalhava em busca de ajudar na renda familiar. Inicialmente não pôde aprofundar seu conhecimento da política e filosofia chinesa, o que, no entanto, não o impediu de, desde novo, aprender autonomamente as letras e artes como táticas militares e música (Britannica, 2024).

Com 19 anos, o jovem prodígio casou-se e, por chamar atenção pela sua disciplina exemplar, autodidatismo e apreço pela tradição, foi nomeado para

um cargo na administração do principado de Lou. Demonstrando desempenho na função, atingiu, com o passar do tempo, o cargo de ministro da justiça (World History Encyclopedia, 2024). No seu período como funcionário público, pôde ter contato direto com a política e a sua relação com o conturbado momento experienciado na China, marcado desde o século VI a.C (período da chamada Primavera de Outono), pela decadência da autoridade central da dinastia Zhou e pela ascensão de reinos e estados independentes que, consequentemente, buscavam por meio do conflito afirmar a sua autonomia. Assim, é notável que esse período de fragmentação política instigou em Confúcio o anseio, desde mais novo, por um conjunto de pensamentos que buscassem a harmonia em detrimento da confusão/desordem (eBiografia, 2019).

Após sua desilusão com a política, nesse sentido, Confúcio abdica de seu cargo e, com aproximadamente 50 anos, começa a expressar seus dilemas e ensinamentos morais e éticos. Para fins de

expandir seus ideais, criou uma escola para jovens, em busca de ensiná-los os princípios da virtude e sua importantíssima aplicação nas relações políticas para a predominância de um bom governo. Inicialmente seus alunos eram amigos e conhecidos, que, maravilhados com os pensamentos do Sábio, expandiam a escola e influenciavam o aparecimento exponencial de membros e ouvintes (Super Interessante, 2019).

Por meio do diálogo informal e uso único da oralidade, Confúcio conseguiu dissipar a sua filosofia por grande parte da China em suas viagens e diálogos com seus numerosos discípulos. O objetivo central dele, pode-se afirmar, era formar uma geração de jovens políticos capazes de relacionarem o tradicionalismo, a religiosidade e as virtudes(BBC Religion, 2024). No entanto, como muitos filósofos ocidentais que viveram na mesma época, foi tido como corruptor da juventude, especialmente pelo nobre do Estado de Song, HuanTui, que atentou contra a sua vida em certo momento de sua trajetória pelo território chinês em busca de espalhar seus conhecimentos e conclusões.

Não possuímos, atualmente, nenhum manuscrito confirmado de Confúcio que exponha as suas idéias, visto que acreditava na informalidade e oralidade para ensinar seus discípulos. No entanto, a grande maioria do conhecimento que temos dessa figura e de sua filosofia está contida na pequena coletânea de alguns de seus provérbios e diálogos, juntada por seus alunos após a sua morte em 479 a.C., intitulada “LunYu” (“Os Analectos”) (Internet Encyclopedia of Philosophy, 2002).

Anos após seu falecimento e desaparecimento de sua escola, pelo seu impacto por onde passava com seus discípulos e ensinamentos precisos que envolviam um olhar diferente acerca da justiça e função política do homem, Confúcio, por meio seus ensinamentos (já consagrados no LunYu), se consolida como a principal fonte filosófica da China a partir da dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.), que o estabeleceu canonicamente como o fundador do Confucionismo, tido religiosamente como a filosofia predominante do país até os dias de hoje.

1.1 Fundamentos do confucionismo

Confúcio observou, durante suas viagens com seus discípulos e seu tempo como servidor público, que, sem um senso de ética, os governantes estavam propensos a centralizarem conquistas militares e ganhos pessoais como objetivos do governo ao invés do atendimento às necessidades do povo. Assim, a base de seu pensamento começa com a conclusão de que uma sociedade justa não poderia ser alcançada sem o estabelecimento de virtudes e, especialmente, sem líderes que aplicassem tais.

Como forma de sistematizar as virtudes necessárias para um bom governo e a predominância da justiça, nesse sentido, Confúcio determinou sete princípios norteadores de sua filosofia: *Ren* (仁); *Li* (礼); *Xiao* (孝); *Yi* (义); *Zhi* (智); *Zhong* (忠); e *Zhengming* (正

名). Detalharemo-los adiante

Ren, traduzido comumente como “benevolência” ou “bondade”, é o princípio fundamental da filosofia confucionista. Ele representa a capacidade de sentir compaixão e envolve uma profunda consideração pelo bem-estar geral, desprezando o egoísmo. Uma pessoa dotada do *Ren*, assim, buscaria, acima de sua ganância pessoal, o respeito e a consideração para com a harmonia. Desse modo, não seria possível um sujeito buscar solucionar todo impasse por meio de conflitos se pudesse resolvê-los, antecipadamente, por um processo de solidarização. De maneira complementar, *Zhong* pode ser descrito como a capacidade de ser fiel, comprometido e compreender as necessidades dos que estão próximos. Dessa forma, um indivíduo que possua essa virtude é propenso à honestidade e à promoção da paz e, caso tenha tanto *Ren* quanto *Zhong*, será incentivado internamente a seguir a regra de ouro do confucionismo, que é “não faça aos outros o que não queres que façam contigo” (François, 2009)..

Em mesma análise, *Li* representa o apreço de Confúcio pela tradição e pelos rituais. Pode ser detalhado como as normas de conduta que regulam o bom funcionamento e, para serem seguidos, é exigido o respeito e a modéstia dos que as praticam cotidianamente. Portanto, para incorporar tais práticas, é preciso o domínio das paixões e impulsos com vista na moderação e eficiência social. Ainda nessa virtude se encontram o respeito aos ancestrais e às hierarquias sociais, muito caras para o Pensador. De maneira a suplementar o ideal de “agir corretamente”, *Yi* representa a ideia de justiça e integridade moral, independente dos ritos a serem seguidos cotidianamente. Assim, alguém dotado de *Li* possuiria valores morais e alguém dotado de *Yi* de valores éticos. Um indivíduo que possuir ambas será dotado, logo, de completa integridade pessoal e moralidade incondicional.

De modo subsidiário ao *Li*, porém também central, o princípio da *Xiao* representa o respeito aos mais velhos. Ritualisticamente, Confúcio cria na importância da família na educação social do sujeito e, como preliminar à ordem social, há a obediência entre pais e filhos. Tangentemente se encontra o princípio da *Zhengming*, traduzida também como “retificação dos nomes”, que determina a importância dos títulos na responsabilização e retificação dos papéis na sociedade. Desse modo, um pai deve orientar seu filho assim como um líder deve governar com justiça, pois ambos possuem o título de responsabilidade desse exercício ritualístico e esperado.

Por último e, praticamente, o mais útil para um bom governante, o princípio da *Zhi*, também concebido como “Sabedoria”, é a capacidade de discernir entre o correto e o errôneo e aplicar o conhecimento eticamente na situação fática. A atuação fora da teoria deve, para Confúcio, ser mediada pela sabedoria para que tenha sua eficácia observada, visto que não teria importância o acúmulo de conhecimento e o seu desuso. Desse modo, adaptar as virtudes à realidade é, também, um princípio da virtude para a filosofia confucionista (François, 2009).

Nesse sentido, é perceptível que Confúcio montou sua filosofia em torno do bom funcionamento da sociedade, resiliência de seus integrantes e sabedoria teórica e prática do governante/líder. Não seria possível, analogicamente, que uma principado prosperasse sem que seus habitantes fossem harmoniosos com os costumes e normas locais e seu líder, tanto militar quanto político (veremos que essas figuras podem se confundir no sujeito do general, que possuía poderes tanto militares quanto influência política), tivesse as virtudes descritas por Confúcio.

2 | SUN TZU, O LENDÁRIO ESTRATEGISTA

O autor do famoso *SunziBingfa* (Arte da Guerra) provavelmente viveu no Século V A.C, se tratando até então do mais antigo tratado de ciência militar conhecido. Sun Tzu ou Sunzi era um estrategista e general do Estado de Wu que em seus escritos enfatizou virtudes necessárias para exercer comando sobre um exército e obter sucesso nas campanhas e assuntos de estado, tratando de assuntos como domínio de táticas e da escolha do terreno para entrar em combate. Temas que envolvem a honradez e princípios pessoais do comandante, que deve ponderar suas decisões de acordo com as movimentações do inimigo ao mesmo tempo em que mascara e oculta suas próprias intenções, eram comuns em seus diálogos com os soldados e em seu famoso escrito.

Sunzi, de acordo com fontes tradicionais, nasceu em Qi em torno de 722-481 A.C e foi contemporâneo de muitas figuras ilustres da Idade do Ferro Chinesa, como Confúcio e o ministro de Qi, TianShu. Esse tempo ficou conhecido como período das Cem Escolas de Pensamento, pela expansão do conhecimento produzido no leste asiático e na formação de diversas correntes de pensamento que discutiam formas de resolver os conflitos territoriais existentes entre os principados chineses. Dessa forma, no contexto de florescimento filosófico e social que Sun Tzu influenciou a vida pública e tradições orientais.

Nessa análise, não se sabe muito sobre a infância do autor, exceto que nasceu em Qi ou Wu, na jurisdição do Reino de Zhou. Sabe-se, porém, que na juventude alistou-se no exército do Rei Helü, no qual galgou a posição de general e estrategista no ano 512 A.C. É tido como fato entre os historiadores que, devido a seus feitos e vitórias nas batalhas travadas entre principados, a conquista de ampla experiência militar possibilitou a escrita da Arte da Guerra, escrito a ser estudado adiante. (World History Encyclopedia, Sun Tzu, 2020)

Vale citar o episódio que, de acordo com os mitos, forneceu à Sun Tzu o cargo de fidelidade do Rei Helu em seu governo. É narrado que o citado rei, impressionado pela tenacidade e disciplina do jovem general, elaborou um teste para verificar o quanto leal e não temeroso seria seu líder de exércitos. O teste consistiu na apresentação de 180 concubinas que deveriam ter o treinamento oferecido aos exércitos militares de Tzu. Porém, após o primeiro comando do general, as mulheres debocharam de sua ordem e não

a cumpriram. Disciplinado a cumprir seu objetivo, o testado comanda a execução de duas das concubinas que havia nomeado como “líderes de seu grupo”, representando a rispidez de seu comando frente à eventualidades. Ao próximo comando de Sunzi, todas as 178 concubinas seguiram fielmente. É relatado, nesse sentido, que, após essa demonstração, o Rei de Wu, impressionado, confere ao jovem um cargo de liderança nas batalhas que iria a lutar.

Uma conhecida batalha que supostamente contou com a atuação do lendário general foi a Batalha de Boju, ocorrida por volta de 506 a.c na China. O conflito ocorreu entre os reinos de Wu e Chu, no qual o primeiro saiu vitorioso mesmo em desvantagem numérica. Portanto, tal vitória improvável foi atribuída, pelas histórias de suas brilhantes estratégias e formas de se enfrentar um inimigo no momento certo e nas condições favoráveis, à Sunzi. (China Online Museum, 2024)

O estrategista morreu por volta de 496 A.C, em Gusu, com 48 anos. Após a sua morte, suas estratégias continuaram a ser usadas e sua coletânea de ensinamentos (Arte da Guerra) foi e ainda é tida como um dos escritos mais importantes sobre a resiliência nas adversidades. Desse modo, foi conferido ao autor o nome “Sunzi”, que significa “Mestre Sun”, representando o apreço de seus seguidores pelos seus ensinamentos tanto no campo de batalha quanto no campo teórico e abstrato de conhecimento.

2.1 *A arte da guerra, princípios e ensinamentos*

A descoberta do manuscrito “A Arte da Guerra” está relacionada com o estudo, de início em 1972, dos textos achados em Mawangdui (na província de Hunan, China). É dito que tais manuscritos datam da dinastia Han, época de vivência de Sun Tzu. Sob análise, um dos textos encontrados pôde ser atribuído à figura de “Sun Bin”, suposto codinome usado pelo Sunzi. Conhecido pela sua clareza nas passagens e referências coesas com a teoria proposta pelo autor, a obra compõe cerca de 13 (treze) capítulos que versam desde a forma mais eficaz de se manter unido um exército sob seu comando até as virtudes que um bom líder precisa impreterivelmente possuir para que vença grande parte de seus conflitos intra estaduais e extra estaduais.

O livro é um tratado de sequências que se desdobra em táticas e estratégias cujos significados extrapolam os limites meramente práticos. Sun Tzu, desse modo, busca entender a natureza dos conflitos humanos e suas consequências. Amplamente relevante dentro do contexto comportamental, inspirou diversas personalidades históricas, como Napoleão Bonaparte, pela densa abordagem faz sobre a disciplina, companheirismo e o preparo necessário para empreendimentos militares.

Primeiramente, logo no início de seu tratado sobre os conflitos, o autor ressalta cinco itens essenciais que devem ser objeto de contínua meditação e, dentre eles, a Lei Moral e a Disciplina são enfocados ao longo de seus capítulos. A primeira, descreve Sunzi, é a

responsável pela harmonia entre o governante e seu povo, entre o general e seu exército. Desse modo, a temerosidade para com o governo é evitada com o cumprimento da lei moral entre os que devem, resultando, assim, na ausência de medo à exposição de perigos por parte dos soldados e da população. A Disciplina, ressalta, é a forma de manutenção da Lei Moral, visto que não há forma de estabelecer um controle conciso sem que os que devem crer o façam com consistência.

Nessa análise, é perceptível que Sun Tzu se deleita sobre a função do governante/general como assegurador da ordem. Concomitantemente, afirma que tal ordem deve ser embasada na empatia, como representado na frase “[...] você deve tratar bem os soldados aprisionados”, e na resiliência, como na frase “A invencibilidade está em si mesmo [...]”.

Desse modo e, ao contrário do que seria lógico em um tratado de ciências militares, a máxima do autor ao longo do tratado é, justamente, “Vencer sem lutar”. O vocábulo “vencer” utilizado está empregado com um sentido que vai além da vitória material de um conflito, mas está relacionado com uma conquista subjetiva e espiritual. O conflito, afirma o autor, nunca é marcado pela paz e, se possível evitá-lo por meio de estratégias político-militares, deve-se fazer a todo custo, valorizando a benevolência e empatia. De maneira danosa, toda guerra envolve o abalo das circunstâncias e, de modo virtuoso, o comandante que souber contornar os conflitos sem se irritar – irritabilidade é uma fraqueza fatal em um líder para Sunzi – será bem sucedido interna e externamente.

Em mesmo estudo, vale ressaltar uma máxima subsidiária que é, ao longo de seus escritos, disseminada. Para o autor, a flexibilidade (resiliência) é um fato incondicional para o bom desempenho de um governante. Adversidades hão de surgir, “De mesmo modo que a água não mantém sua forma constante, também na guerra não há condições constantes”. Logo, é necessário que o líder esteja pronto mentalmente e fisicamente para lidar com imprevistos e contratempos, marcas cotidianas nas guerras.

Portanto, é visível que o intuito de seus escritos não era, de maneira vaga, relatar formas de se vencer batalhas e maneiras de se combater um exército. SunTzu buscou compelir um tratado que versasse sobre as virtudes importantes para o bom convívio de qualquer cidadão, à época, chinês. Resiliência, empatia e a evitabilidade de conflitos são princípios tratados por ele de forma clara e elucidados por meio de exemplos. Buscou não apenas relacionar a moral chinesa à ética de conflitos, mas a tradição às virtudes humanas.

3 | PONTOS TANGENTES: A RELAÇÃO ENTRE O CONFUCIONISMO E SUNTZU

Mesmo contemporâneos, ambos os pensadores não tiveram o contato entre as teorias e, portanto, não puderam argumentar acerca das diferenças e tangencias de suas manifestações. A China Antiga, nesse sentido, foi marcada por uma notável diferença entre as ideologias relatadas, a apreciação do conflito. Enquanto Sun Tzu afirmava formas de se combater um inimigo de maneira eficaz e, de certa forma, fria, Confúcio examinava os

contextos e virtudes que poderiam, se cumpridos com disciplina, evitar tais guerras.

Desse modo, é evidente o superficial afastamento de tais tratados (*A Arte da Guerra* e *Analectos*). O conflito para Sunzi é inevitável, porém deve, através de condutas humanas, ser gerido com sabedoria em vista de vencê-la sem perdas físicas e mentais. Confúcio, diametralmente oposto, procura esclarecer os meios éticos de se evitar o desenvolvimento de conflitos para que não resultem em perturbações mais gravosas. Enquanto o primeiro enfrenta, o segundo estabelece meios de evitar.

No entanto, tais diferenças expressivas gradualmente desaparecem com a análise subjetiva de tais teorias, aprofundando nos conceitos que os autores buscavam passar como princípios de uma boa cidadania. Através da análise de valores fundamentais e a importância do comprometimento e constância frente a adversidades podemos ter uma visão clara das interseções dessas manifestações. Adiante, identificaremos três dessas tangências.

3.1 Sabedoria e conhecimento

Primeiramente, verifica-se que ambos os pensadores centralizam em sua teoria a importância de ter discernimento e autoconhecimento, além da habilidade de poder ativamente realizar escolhas acertadas que visem proteger o todo, seja um exército, uma cidade ou a si mesmo. Para Confúcio, essa sabedoria seria denominada *Zhi*, como já citada, e, para Sun Tzu seria o conhecimento prático aplicável em vista do bem comum.

Nesse sentido, é notável a forma como ambos prezam pelo engrandecimento individual através do estudo e, acima de tudo, capacidade virtuosa de discernir entre o certo e o errado. A aplicabilidade dessa característica, por mais que perceptivelmente diferente entre os dois escritores, revela a preocupação em comunicar a importância da sabedoria à responsáveis por escolhas que envolvam o bem-estar de outras pessoas. Chefes de Estado, Generais, Príncipes, “pais” de família e jovens líderes. A relevância de tal virtude não se extingue na figura de grandes influentes, porém é imprescindível, para os autores, para uma eficiente e justa gestão.

A valorização do cultivo da mente é, logo, uma concordância entre os pensadores. Por mais que utilizem referências e exemplos distintos, é claro o papel da virtude citada na liderança bem sucedida.

3.2 Harmonia como finalidade

O equilíbrio mental e físico é uma das finalidades de ambas as teorias. Ao afirmar que “a melhor vitória é a que não precisa de luta”, Sun Tzu reitera a sua visão sobre a desnecessidade de conflitos fúteis e perturbações irracionais. Não haveria, para o autor, uma realidade em que a harmonia seria deixada de lado em prol da guerra e perdas

humanas. Em benefício de ambas as partes envolvidas no conflito, o líder sábio deve, sem exceção, buscar a alternativa que preserve ao máximo o equilíbrio moral e social.

De maneira análoga, Confúcio afirma, ao explicitar seus conceitos das virtudes *Li* (apreço pelas normas tradicionais) e *Yi* (justiça e integridade moral), que a ordem social é a base mais importante para uma boa convivência (Confúcio, 2008). Dessa forma, é impossível, para o pensador, conceber a ideia de uma cidade equilibrada em que a desobediência às ordens seja cotidiana e a noção de integridade esteja defasada. Assim, a coesão social na forma da harmonia é um objetivo último na teoria de Confúcio, pois busca a aplicação das virtudes em busca do equilíbrio inter e intrapessoal.

Portanto, os autores, mesmo que de formas diferentes, reiteram a relevância da harmonia como meta para a atuação do cidadão. O líder, principalmente, deve apresentar virtudes capazes de guiar suas escolhas em busca da justiça e evitabilidade de conflitos. Porém, caso não puder evitar, deverá sabiamente escolher o caminho que preserve ao máximo o equilíbrio.

3.3 Benevolência como virtude

Aparentemente absurdo relacionar um tratado sobre estratégias militares a um conceito que envolve a bondade, a ausência de egoísmo e a preocupação com o bem-estar dos próximos, porém, como já identificado, Sun Tzu afirma que o conflito, pelo seu caráter inevitável, não deve ser fundo para atuação cruel e desnecessária. “Trate bem seus soldados e os que aprisionar em batalha”, frase de sua obra, reitera a visão de que um líder benevolente supera a visão ultimamente maléfica anexada inatamente a generais e líderes militares. A guerra, nesse sentido, não deve superar as normas destinadas ao bem-estar, mesmo que marcada por perdas humanitárias. O conflito não representa, necessariamente, o mal, pois, para Sunzi, a sua inevitabilidade conclui o seu caráter neutro, cabendo aos envolvidos escolherem entre serem egoístas ou benevolentes em suas ações.

Em mesmo sentido, Confúcio, por meio da apresentação de sua “virtude de ouro” (*Ren*), explica o importantíssimo papel da benevolência para uma convivência harmônica na sociedade e, principalmente, para afastar decisões maléficas de agentes políticos movidos por desejos pessoais destoantes do bem-estar geral. Para o autor, um líder que apresentasse a virtude em questão estaria encaminhado espiritualmente para fazer decisões que beneficiem o todo, e não somente a si mesmo. Dessa forma, a política benevolente seria voltada para o bom funcionamento interno e equilíbrio externo, com ausência de egoísmo e ambições exacerbadas.

Assim, em consonância, os autores se referem à benevolência com estima, admirando os possuidores desta e incentivando para que os novos líderes a cultivem. Na visão desses, os frutos de uma benevolência plantada na mente seriam ações justas, em tangência com a harmonia, e que visam o desenvolvimento social. Não necessariamente

centralizada em líderes e indivíduos dotados de responsabilidade clara, a benevolência deveria ser almejada por cada cidadão que se considere pertencente do todo social, visto que, ao deixar de lado seu egoísmo em prol da bondade, estaria incentivando uma coletividade marcada pela solidariedade e empatia.

4 | APlicabilidade: DA ANTIGUIDADE À REALIDADE

A análise dos preceitos filosóficos de Sun Tzu e Confúcio permite observar sua relevância para contextos históricos marcantes e crises de escala global. Suas ideias, embora distintas em abordagem, dialogam de maneira profunda quando aplicadas à liderança e à tomada de decisão em momentos de instabilidade (Mungello, 2010). Esses ensinamentos permanecem atemporais, como ilustrado em episódios históricos, particularmente no período da Guerra Fria, que foi um laboratório de aplicação prática de tais conceitos.

A Crise dos Mísseis de Cuba, em outubro de 1962, foi um dos momentos mais tensos da Guerra Fria, colocando os Estados Unidos e a União Soviética à beira de um conflito nuclear. O episódio se iniciou com fotografias aéreas tiradas por um avião-espião U-2, que revelavam o suposto processo de instalação de bases de lançamento de mísseis nucleares em Cuba por parte da União Soviética. O, no contexto da época, presidente dos EUA, John F. Kennedy, enfrentou uma escolha crucial: atacar imediatamente as instalações, arriscando uma retaliação soviética, ou buscar uma solução menos agressiva (Humanidades.com, 2024). Eticamente, escolheu pela abordagem menos violenta.

Nesse sentido, em 22 de outubro de 1962, anunciou um bloqueio naval à ilha de Cuba, impedindo que navios soviéticos transportassem mais armamentos para o local. Essa ação era menos provocativa do que um ataque militar e visava dar tempo para negociações. Durante treze dias, o mundo acompanhou ansiosamente o impasse entre as superpotências. Navios soviéticos se aproximaram do bloqueio, mas, em um momento de grande tensão, recuaram, evitando o confronto direto. Paralelamente, as negociações entre Kennedy e o líder soviético Nikita Khrushchev prosseguiam. (CIA, 1962)

Finalmente, Khrushchev concordou em remover os mísseis de Cuba, em troca de uma garantia pública de que os Estados Unidos não invadiriam a ilha e de um acordo secreto para a retirada de mísseis americanos da Turquia.

Kennedy, mesmo talvez sem intenção em seguir esta tangência entre dois pensadores da China Antiga, demonstrou um dos principais alicerces para um bom governo: a sabedoria. Ao se manter passivo frente à ameaça de um conflito global, o presidente pôde obter mais conhecimento acerca dos efeitos de uma possível posição desfavorável sua e, com isso, sabiamente decidiu por não agir impulsivamente em busca de uma vantagem em um “ataque surpresa”. Um equilíbrio entre a responsabilidade nas escolhas e o discernimento entre o “bem” (no caso a evitabilidade do conflito) e o “mal” (o

conflito armado) foi explicitado pela escolha de J.F.K.

Em mesma análise, é possível citar a criação da Organização das Nações Unidas como um claro exemplo do princípio da benevolência, concordância entre os pensadores. Fundada em 1945, a ONU foi tida como um recurso de paz entre os países. Em um contexto de devastação global e milhões de mortos consequentes da Segunda Guerra Mundial, as nações da Terra se encontravam em um estado de calamidade quase absoluto, visto que mesmo as nações “vencedoras” do conflito corriam, ainda, o risco de uma nova guerra pelos atritos ideológicos entre a corrente Socialista (URSS) e a Capitalista (EUA). Nessa totalidade que, abdicando de muitos traços de sua autonomia e poderio, dezenas de países assinaram a Carta da ONU, documento tido como constituição da ONU. Nele princípios e propósitos foram estabelecidos e vigoram até os tempos atuais (Brasil Escola, 2023).

A resolução pacífica de conflitos, a mutualidade do não desenvolvimento de tensões militares desnecessárias e o uso limitado e restrito da força são exemplos de medidas que vemos atualmente os grandes líderes mundiais realizando que foram diretamente implementadas pela Carta da ONU. Nesse sentido, a abdicação do indiscriminado uso de violência em busca da preservação do bem estar mundial é uma evidência clara da importância da benevolência (tão cara à Sun Tzu e Confúcio) ao contexto internacional. Tal princípio estudado a centenas de anos atrás ainda permanece como um dos principais vetores de estabelecimento da harmonia e paz entre Nações, que se comprometeram por meio da assinatura do citado documento a sempre seguirem-no (Diplomacia Business, 2023).

Logo, é evidente que os pontos tangentes entre os pensadores estudados ultrapassam os tratados que escreveram e lições materiais que disseminaram. Os princípios que relacionam a natureza humana e os alicerces para o seu bom convívio ainda perduram, visto que o bom convívio em uma sociedade é condicionada à ação individual e, principalmente, de seus líderes tendo sempre como objetivo o bem da coletividade e não, de maneira egoísta, o próprio.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo, foi evidenciado que os ensinamentos disseminados por Confúcio, com seus preceitos na área das virtudes, e Sun Tzu, com seu tratado militar que versou, também, acerca da natureza humana, transcendem a época em que foram feitos. De maneira atemporal, e oferecendo diretrizes éticas e morais, ambos os pensadores dialogam, em suas teorias, com uma relevância em questões contemporâneas. Virtudes valorizadas como a sabedoria, a harmonia e a benevolência são, ainda hoje, tidas como essenciais na civilização e, principalmente, para aqueles que ocupam posições de responsabilidade.

A interseção entre suas ideias reforça a necessidade de líderes cultivarem

discernimento, virtude e responsabilidade, características fundamentais para decisões que impactam a coletividade. Mesmo em âmbito interno, enfatiza os pensadores que a justiça, consequência de uma liderança virtuosa, não é uma simples escolha, mas é um processo a ser seguido fielmente em busca de uma convivência harmoniosa.

Exemplos históricos como a Crise dos Mísseis de Cuba e a fundação da ONU ilustram como tais princípios podem ser aplicados, demonstrando que escolhas pautadas pela sabedoria e pela benevolência têm o potencial de prevenir conflitos e promover a paz. Tais eventos demonstram a atemporalidade dos ensinamentos estudados.

Logo, ao refletir os preceitos desses pensadores, é possível compreender que o dilema a ser seguido em uma sociedade harmoniosa é a capacidade de evitar o egoísmo e transcender os desejos pessoais. Tanto líderes como cidadãos são sujeitos a escolhas que envolvam o “bem” e o “mal” e, portanto, cabe a eles a sabedoria na decisão, visando o bem comum. O legado filosófico de Confúcio e Sun Tzu nos desafia, ainda hoje, a cultivar virtudes que promovam a paz, o equilíbrio e a prosperidade entre as nações e entre os indivíduos.

REFERÊNCIAS

BRASIL ESCOLA. *ONU - Organização das Nações Unidas: o que é?* - 2023. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/onu.htm>. Acesso em: 6 dez. 2024.

BBC RELIGION. *Confúcio e o Confucionismo*. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/religion/religions/confucianism/>. Acesso em: 6 dez. 2024.

BRITANNICA. Sunzi. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Sunzi>. Acesso em: 6 dez. 2024.

BRITANNICA. *The Art of War*, de Sunzi. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/The-Art-of-War-by-Sunzi>. Acesso em: 6 dez. 2024.

BRITANNICA. Confúcio, biografia ensinamentos e fatos. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Confucius>. Acesso em: 6 dez. 2024.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). *CIA Documents on the Cuban Missile Crisis, 1962*. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/readingroom/collection/cuban-missile-crisis-1962>. Acesso em: 6 dez. 2024.

CHINA ONLINE MUSEUM. *The Warring States Period and Sun Tzu's The Art of War*. Disponível em: <https://www.chinaonlinemuseum.com>. Acesso em: 6 dez. 2024.

CONFÚCIO. *Os Analectos*. Tradução de D. C. Lau. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DIPLOMACIA BUSINESS. *História da ONU: A cronologia dos fatos políticos que a antecederam*. Disponível em: <https://www.diplomaciabusiness.com/historia-da-onu-a-cronologia-dos-fatos-politicos-que-a-antecederam>. Acesso em: 6 dez. 2024. Publicado em: 23 ago. 2023.

EBOGRAFIA. Confúcio. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/confucio/>. Acesso em: 6 dez. 2024.

EDUCA MAIS BRASIL. Confúcio: Vida e Obras. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/confucio.htm>. Acesso em: 6 dez. 2024.

FUNG, Yu-Lan. *Breve História da Filosofia Chinesa*. São Paulo: Cultrix, 1997.

HUMANIDADES.COM. Crise dos Mísseis em Cuba (1962): o que foi e características. Disponível em: <https://humanidades.com.br/crise-dos-misseis-em-cuba/>. Acesso em: 6 dez. 2024.

JULLIEN, François. *Confúcio: A Sabedoria Antiga do Pensamento Chinês*. Tradução de Maria Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LIAO, Hsun. *A Arte da Guerra: Comentários e Estratégias*. Tradução de João Cardoso. Lisboa: Bertrand, 1998.

MUNGELLO, D. E. *A Introdução do Confucionismo no Ocidente Moderno*. São Paulo: Loyola, 2010.

SUN TZU. *A Arte da Guerra*. Tradução de J. C. S. de Araújo. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

SUPERINTERESSANTE. Quem foi Confúcio? Disponível em: https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foi-confucio/#google_vignette. Acesso em: 6 dez. 2024. Publicado em: 1º jan. 2019.

SUPERINTERESSANTE. Como foi criada a Organização das Nações Unidas? Mundo Estranho, 18 abr. 2011. Atualizado em: 16 ago. 2024. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-criada-a-organizacao-das-nacoes-unidas/>. Acesso em: 6 dez. 2024.

WORLD HISTORY ENCYCLOPEDIA. *Confucius*. Disponível em: https://www.worldhistory.org/Confucius/#google_vignette. Acesso em: 6 dez. 2024.

WORLD HISTORY ENCYCLOPEDIA - 2020. *Sun Tzu's The Art of War*. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/SunTzu/>. Acesso em: 6 dez. 2024.

INTERNET ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. *Confucius*. Disponível em: <https://iep.utm.edu/confucius/>. Acesso em: 6 dez. 2024. Publicado em: 2002.

ZHU, Rongji. *A Arte da Guerra: Interpretação e Aplicações Modernas*. Tradução de Silvia Alves. Porto Alegre: Artmed, 2010.